



# O MODERNISMO E A REVOLUÇÃO DE 1930: ALGUNS ASPECTOS

THE MODERNISM AND THE REVOLUTION OF 1930: SOME ASPECTS

Valdemar Valente Junior\*

\* valdemar.valente@hotmail.com

Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor Assistente da Universidade Castelo Branco (Rio de Janeiro – RJ).

**RESUMO:** Este texto tem por objetivo evidenciar a importância da Semana de Arte Moderna como evento responsável por sucessivas tomadas de posição no âmbito de uma crítica à situação cultural, social e política do país. Por sua vez, com o advento da Revolução de Outubro de 1930, verifica-se uma alteração no modus operandi da sociedade brasileira. Isso passa a ter efeito a partir do instante em que a segunda geração modernista aproveita-se das conquistas formais do primeiro momento para evidenciar os descaminhos de nossa sociedade e denunciar nossa condição de subdesenvolvimento. A isso acrescenta-se um recorte neorrealista como tendência que acompanha a crise mundial e sua repercussão em um país de economia dependente que absorve esse duro golpe não tendo como reagir de outro modo, senão através da incorporação de sua realidade ao discurso ficcional e poético. Diante disso, o presente texto apresenta um recorte que tem por base a configuração modernista desde o seu início até a sua terceira fase.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernismo; criação literária; crítica social; consciência política.

**ABSTRACT:** This text aims to highlight the importance of the Modern Art Week as an event responsible for successive positions in the context of a critique of the country's cultural, social and political situation. In its turn, with the advent of the October Revolution of 1930, there is a change in the modus operandi of Brazilian society. This takes effect from the moment when the second modernist generation takes advantage of the formal achievements of the first moment to highlight the misdemeanors of our society and denounce our condition of underdevelopment. To this is added a neorealist cut as a trend that accompanies the world crisis and its repercussion in a country of dependent economy that absorbs this hard blow having no other way to react, but through the incorporation of its reality to the fictional and poetic discourse. Therefore, this text presents a cut that is based on the modernist configuration from its beginning to its third phase.

**KEYWORDS:** Modernism; literary creation; social criticism; political consciousness.

## INTRODUÇÃO

O que se considera como ponto de partida de um postulado estético que tem como objetivo escrever a história da literatura brasileira moderna consolida-se no rastro de outros acontecimentos. Esses acontecimentos, por sua vez, denunciam um sentido de urgência que diz respeito à inserção do país no círculo das transformações em curso no século XX. Há que se pensar que a greve de 1917, bem como a revolta dos tenentes no Forte de Copacabana ou a marcha da Coluna Prestes que atravessa o país têm o mesmo ímpeto iconoclasta do que representa a Semana de Arte Moderna como índice de elevado teor de dissolução de elementos arraigados como símbolos de cultura. Nesse sentido, o movimento modernista corrobora acontecimentos sociais que têm lugar a partir da insatisfação que perpassa a opinião pública a respeito da política retrógrada da Primeira República. O esgotamento do poder que tinha como anteparo cafeicultores e pecuaristas e os efeitos da revolução burguesa impõem um limite à alternância dessas duas instâncias de representação.

Diante disso, o que se consignou como segunda fase referente às conquistas da Semana de Arte Moderna encontra uma abertura no sentido de sua representação junto a elementos da classe média e do proletariado. De modo efetivo, pode ser detectada uma mudança que se manifesta

como significado de uma condição intrínseca relativa ao homem brasileiro, no que representa uma transformação com vistas à luta de classes, em vista dos dilemas inerentes ao lugar do homem no campo e na cidade. Daí narrativas como *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Macunaíma* enfatizarem olhares diversos, porém, a fins, do que tanto Oswald de Andrade quanto Mário de Andrade concebem a respeito de suas personagens no contexto brasileiro. Essas obras apontam para a vertente crítica que se alia a uma realidade simbólica ainda distante de perceber a classe trabalhadora como agente do processo de mudanças sociais.

A Semana de Arte Moderna atingiu seu limite, dando lugar à fase mais tensa do movimento e à possibilidade de ser trazida para a narrativa, bem como para a poesia, a contribuição de obras como *Vidas secas* e *Rosa do povo*, uma vez que tanto Graciliano Ramos quanto Carlos Drummond de Andrade vitalizam aspectos da realidade social e política como necessidade de a criação literária participar *pari passu* do processo que nesse período tem efeito. Assim, a dimensão do que atende à reflexão acerca da realidade brasileira oferece condições para que a criação literária atue como um farol que ilumina o caminho a ser seguido pela sociedade. A realidade como elemento integrante do que a literatura representa serve para que o debate político seja perpassado pela arte de vários gêneros. Em vista disso,

a relação entre literatura e sociedade aprofunda questões que contam com a contribuição do que de mais significativo se consigna como expressão da escrita modernista.

Por esse meio, há que se refletir acerca da crise mundial que implica a queda do prestígio da elite de cafeicultores de São Paulo que patrocinou o evento de 1922. Assim, impõe-se o fortalecimento da atividade cultural no Rio de Janeiro, uma vez que as restrições ao predomínio dos paulistas na política e na cultura lhes cerceia a participação nessas duas esferas. Daí a força criativa da segunda fase modernista concentrar na capital federal sua atuação, reiterando sua posição de centro cultural, após uma década de domínio dos paulistas. À derrocada dos barões do café acrescenta-se a má vontade do sistema político com relação ao poder político que se configura em São Paulo. Esse poder perde postos de representação, passando a uma condição secundária no âmbito cultural e político. Diante disso, o fiel da balança altera seus respectivos pesos, em função da mudança do eixo de atuação da literatura modernista de São Paulo para o Rio de Janeiro.

Há que se pensar acerca de uma geração que se aproveita da liberação perpetrada pelos modernistas pioneiros para evidenciar um plano estético que se atém às conquistas inovadoras sem aprisionar-se aos movimentos de vanguarda

que mais representam um ponto de partida que uma condição permanente. A geração de 1930 reconhece o evento pioneiro para em seguida evidenciar a construção de um pensamento social que se integra à criação literária. Nesse sentido, os chamados “búfalos do Nordeste”, como Oswald de Andrade teria conceituado os romancistas da geração de Raquel de Queirós, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, parecem munidos das mesmas ferramentas que mais tarde serviriam de referência social à poesia de Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes. A isso corresponde uma mudança que diz respeito ao eixo de pensamento que passa a refletir a dimensão profunda de uma crise que se agrava ao limite máximo.

Do mesmo modo, verifica-se uma alteração na obra de autores como Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Manuel Bandeira, a partir de uma produção que assume outra dimensão. Assim, *Marco zero* e *A revolução melancólica*, *Os contos de Belazarte* e *O carro da miséria*, *Libertinagem* e *Estrela da manhã* apontam para o que diz respeito a outro discurso, em vista do que esses autores representam. Diante disso, observa-se a possibilidade de a narrativa, a exemplo da poesia, assumir a dimensão crítica do que se amplia para além da individualidade criadora ao estabelecer relações com as diferentes situações sociais, a partir de um *corpus* de situações que se mostram sem retorno.

Isso pode denunciar a alteração do significado acerca do que o Modernismo passa a representar, abrindo mão do experimentalismo estético dos primeiros anos em favor de soluções mais simples, do ponto de vista de uma linguagem acessível à classe média urbana como público leitor.

### LITERATURA E PENSAMENTO CRÍTICO

O episódio das tropas gaúchas assumindo o poder no Rio de Janeiro mostra-se como registro de um período de alterações na cultura do país. Ao significado de cultura pode ser acrescida a derrota de um modelo político e o implemento do que se impõe como uma outra ordem de pensamento. O que disso decorre, no âmbito da criação literária, não tem como se possa impedir, uma vez que corresponde a situações que vêm à luz dos fatos como sinais da insatisfação política e social que pede passagem. “Nos anos 30, termina o domínio republicano da cafeicultura. O setor agrário exportador sofre um baque e perde a primazia, para sempre irreversível”.<sup>1</sup> Diante disso, verifica-se uma alteração no encaminhamento de projetos que correspondem ao anseio da classe média que passa a ocupar espaços, em vista do que a literatura representa como termo relevante. Isso diz respeito à forma encontrada para que setores da sociedade tenham nela um canal de expressão condizente com a situação social que não tem como ser contida.

A partir dessa observação, verifica-se uma alteração no espírito alegórico do primeiro momento modernista em favor de um pensamento crítico que não tem como retroagir, em função de acontecimentos significativos. A isso acrescenta-se a polarização que coloca antigos aliados na batalha modernista em lados opostos. As disputas entre propostas estéticas ampliam-se do campo literário para o político. Isso confirma o papel da criação literária como dimensão que se expande para outros setores de interesse da sociedade. “O espírito revolucionário modernista, tão necessário como o romântico, preparou o estado revolucionário de 30 em diante, e também teve como padrão barulhento a segunda tentativa de nacionalização da linguagem”.<sup>2</sup> Por sua vez, o incremento do mercado editorial passa a atender os escritores que emergem como vozes de diferentes regiões, trazendo ao público leitor do Sul-Sudeste a informação que delas se origina. Assim, esse momento significa um ponto de irradiação de elementos que se confirmam como retratos do país.

Há que se pensar que o Modernismo atua como abertura que dá lugar ao surgimento de núcleos de criação literária em diferentes pontos do país. Isso se contrapõe à centralização em torno do que fora o Parnasianismo como exclusividade dos corifeus dessa escola. Na verdade, a reação modernista confirma-se a partir de um movimento que

1. GORENDER. *Combate nas trevas*, p. 15.

2. ANDRADE. *Aspectos da Literatura Brasileira*, p. 250.

concorre para que a criação literária seja um patrimônio coletivo. Isso se opõe à inibição decorrente do Parnasianismo, na medida em que era inviável escrever sem que se impusesse uma comparação com Olavo Bilac e Coelho Neto como personalidades acima de qualquer dúvida. “O termo modernismo serve para designar aqueles que, negando os padrões ultrapassados da arte brasileira no início do século, procuram desenvolver uma linguagem nova para expressar seu tempo e seu meio”.<sup>3</sup> Os modernistas tiveram o mérito de dar oportunidade ao surgimento de revistas literárias em diferentes pontos, ainda que a isso se imponham tendências regionais de sentido oposto. Essa diferença, no entanto, não corresponde a nada que impeça a expansão do pensamento moderno.

Por sua vez, a situação política que restringe a manifestação do livre pensamento ocupa-se em censurar obras que teriam sérios empecilhos à sua circulação. No entanto, há que refletir acerca de que essas publicações não tinham como deixar de circular, apesar da censura que estorva esse processo. Ocorre ser esse tempo marcado por mudanças que ultrapassam obstáculos, em nome do que não pode deixar de acontecer, quando escritores como Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego inscrevem-se no inconsciente coletivo de modo definitivo e se confirmam como um patrimônio brasileiro. “Na maré montante da

Revolução de Outubro, que encerra a fermentação antioligárquica, a literatura e o pensamento se aparelham numa grande arrancada”.<sup>4</sup> Assim, a dimensão crítica desse momento atua como elemento indispensável, no que tange à polarização de setores da política que se ampliam à criação literária determinando os rumos a serem seguidos.

Nesse sentido, ampliam-se os espaços a serem ocupados pelos escritores, na medida em que o Rio de Janeiro toma de volta os diferentes movimentos culturais que para a cidade irão convergir. A criação do Ministério da Educação, sob a tutela do ministro Gustavo Capanema, concorre para que a esse projeto se incorporem escritores que encontram no órgão uma válvula de escape, sendo a capital federal um espaço de cultura que se alia ao mercado editorial, garantindo uma atividade literária ainda incipiente. “Durante o regime Vargas, as proporções consideráveis a que chegou a cooptação dos intelectuais facultou-lhes o acesso aos postos e carreiras burocráticos em praticamente todas as áreas do serviço público”.<sup>5</sup> A extensão continental do país concorre para que o Rio de Janeiro concentre a atividade cultural que não dispõe de recursos em centros menores. O advento modernista provisoriamente rouba a cena do que logo retornaria aos setores da indústria cultural situada no Rio de Janeiro, em vista de uma política restritiva que assume o poder.

3. BATISTA. *Escritos sobre arte e Modernismo brasileiro*, p. 214.

4. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 219-200.

5. MICELI. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*, p. 131.

A posição da crítica posterior à Semana de Arte Moderna amplia-se como resultado da relação entre literatura e sociedade, trazendo consigo a urgência do reconhecimento dos problemas que impedem a superação da miséria. Nesse sentido, os escritores que se arrimam ao romance social apontam para o atraso que atinge as camadas da população desprovidas de meios de defesa contra a seca, a fome, os latifúndios e a exploração do trabalho. “Os ficcionistas beneficiaram-se da fase de ruptura de 22, tiveram maior liberdade de escolha formal, mergulharam na oralidade, na linguagem brasileira, no léxico e no sintático, caminhando pelo regional”.<sup>6</sup> A desigualdade que traz ao debate a situação do Nordeste amplia-se a diferentes pontos do país como possibilidade de inventariar os redutos onde se refugiam os que não encontram meios de sobreviver à exclusão e à fome. Diante disso, coloca-se em questão o papel da literatura como elemento de conscientização da classe média urbana acerca da real situação dos atingidos por calamidades de natureza social.

#### MUDANÇA DE EXPECTATIVA SOCIAL

A movimentação nas peças do xadrez político que coloca em xeque o poder das oligarquias rurais acaba operando uma alteração na ordem de pensamento responsável pela renovação da literatura. A isso corresponde o processo

que altera os termos de uma etapa que fica para trás. Esse processo diz respeito ao fato de que a relação do Modernismo com as vanguardas europeias deu-se na medida de sua superação por uma expectativa social que se aproveita dessa liberação estética, mas prioriza uma aproximação com o discurso social que agrava esse debate, tornando-se imprescindível. “Em literatura, os anos 1930 e 1945 são os anos do reposicionamento ideológico e do novo compromisso, político e social, que substitui a euforia panestética do Modernismo inicial”.<sup>7</sup> Assim, a narrativa tanto quanto a poesia não mais arrimam-se às vanguardas, uma vez que a isso se impõe o desvelamento de uma realidade que se faz preciso questionar. A favor dessa posição situa-se um *corpus* de onde resulta a posição crítica de escritores comprometidos com uma tomada de atitude social e releitura do país.

Há que se pensar nos diferentes momentos da literatura brasileira no século XX. Ao ufanismo decorativo de Olavo Bilac e Coelho Neto se opõe a crítica social de Lima Barreto, com fortes laços de oralidade. Por sua vez, a primeira fase modernista evidencia a sociedade e o reconhecimento do que representamos diante do mundo. “Os fermentos de transformação estavam claros nos anos de 1920, quando muitos deles se definiram e se manifestaram, mas como fenômenos isolados, vistos pela maioria com desconfiança”.<sup>8</sup> Essa investida tem como alvo o desvelamento de uma

6. SAMUEL. *Literatura básica*, p. 15.

7. STEGAGNO-PICCHIO. *História da Literatura Brasileira*, p. 521.

8. CASTELLO. *A Literatura Brasileira*, p. 71.

situação que se faz urgente ante o desenvolvimento da ordem econômica posterior à Primeira Guerra Mundial. Nesse contexto, a máquina produtiva se associa aos movimentos de vanguarda com vistas a uma alteração que a criação artística e literária não tem como deixar de fora.

A alternância no aspecto formal do Modernismo caracteriza uma tendência que representa o ponto de partida de uma observação crítica com relação à desigualdade social. “O romance de 30 se define mesmo a partir do Modernismo, e certamente não poderia ter tido a abrangência que teve sem as condições que o Modernismo conquistou para o ambiente literário e intelectual do país”.<sup>9</sup> Isso corresponde a um lugar a ser assumido, ultrapassando a situação política, no que diz respeito à urgência de a sociedade brasileira trazer à luz a dimensão dessas mudanças. Isso, por sua vez, esbarra na estrutura arcaica de um país dominado pelos interesses das oligarquias rurais que controlam setores da política regional, impondo as regras que confirmam sua supremacia. Do mesmo modo, contrapõe-se um denunciamento que coloca em questão os resultados da crise sobre a parte mais fraca da sociedade como um ponto vulnerável, exposto aos olhos do público e da crítica, dando ênfase à desigualdade.

Em vista do que a segunda fase modernista apresenta, a Semana de Arte Moderna parece ter cumprido sua missão,

cabendo desdobrá-la a partir de proposições de ordem política. Os resultados desse quadro configuram um *corpus* social como escopo de uma ordem do pensamento. Por sua vez, a narrativa convoca o leitor a refletir acerca dos elementos colocados à margem do processo produtivo, em razão do que representam os latifúndios do Nordeste e o proletariado da cidade. “Penetrando na realidade cultural brasileira, pomos em evidência duas áreas dessa realidade: a regional, com sua vida rural e provinciana, e a urbana”.<sup>10</sup> Daí o romance social expandir sua atuação aos centros urbanos, a exemplo de *Marafa*, de Marques Rebelo, *Os ratos*, de Dionélio Machado, e *Angústia*, de Graciliano Ramos, evidenciando a situação da pequena classe média diante dos efeitos da crise.

A literatura social invade a cena colocando-se como porta-voz dos que não têm visibilidade. “Romance de 30 foi a denominação dada – não se sabe primeiro por quem – a um conjunto de obras de ficção escritas no Brasil a partir de 1928, ano da primeira edição de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida”.<sup>11</sup> O acesso ao consumo, mesmo em face da crise internacional e da sua representação local, eleva a criação literária a um patamar para o qual são convocados os diferentes setores da sociedade, na condição de leitores e personagens, interferindo nessa questão a mudança que ocorre nas decisões políticas do país. Desse modo, o

9. BUENO. *Uma história do romance de 30*, p. 80.

10. AMORA. *História da Literatura Brasileira*, p. 203-204.

11. DACANAL. *O romance de 30*, p. 11.

discurso literário adequa-se a um termo que se faz preciso reconhecer como elemento da realidade social, sugerindo formas através das quais são pensadas as demandas do país. O pensamento crítico que a isso se incorpora viabiliza uma tomada de posição que não tem como ser interrompida, em vista do fenômeno literário como parte do imaginário que passa a ter efeito.

Nesse contexto, a censura corresponde ao descompasso de um país que pela primeira vez busca passar a limpo sua condição de subdesenvolvimento. O momento representado pela Semana de Arte Moderna como desvelamento simbólico da cultura recrudescer com a crise que se expande em diferentes direções, atingindo vários setores. “A distância entre os modernistas e os romancistas de 30, apesar da distância entre sociais e intimistas, pode ser mais bem sentida se projetada numa figura a que o romance de 30 dedicou toda a sua energia de criação, o fracassado”.<sup>12</sup> O elevado tributo que se impõe à classe trabalhadora repercute como termo que se amplia em face da narrativa como espelho onde se reflete a situação do país. Diante disso, a euforia do primeiro momento modernista assume um espaço de reflexão que abrange o aspecto social a ser observado pela geração seguinte. A continuidade dessa ruptura aumenta seu plano de atuação, por conta de uma situação que se

mostra incontornável, em vista da crise que parece não chegar a um termo.

### DITADURA E CRIAÇÃO LITERÁRIA

A decretação do Estado Novo, em 1937, representa um divisor de águas, no que tange ao recrudescimento da censura à criação literária que se colocasse em posição contrária à ideologia do governo. A prisão de Graciliano Ramos e Jorge Amado diz respeito ao lugar da narrativa como termo que coloca em evidência o debate social como resistência a um regime que se impõe pela força. “Eu fiquei marxista. Abri alas para os búfalos do Nordeste passarem com bandeirinhas vermelhas nos chifres”.<sup>13</sup> A partir da centralização da cultura no Rio de Janeiro, esse processo concorre para agrupar escritores cooptados pela burocracia estatal, uma vez que se efetiva uma força política que atende ao interesse do Estado. Por sua vez, o funcionalismo público passa à condição de porto seguro, uma vez que várias carreiras literárias se alavancam com o aval do governo. O oposto a isso corresponde às dissidências que se negam a professar o credo político de um regime que decreta prisões e promove perseguições.

Desse modo, a crise política, aliada à deflagração da Segunda Guerra Mundial, gera um clima de inquietação intelectual e política, o que contribui para a caracterização

12. FABRIS. *O Futurismo paulista*, p. 74.

13. ANDRADE. *Os dentes do dragão*, p. 95.

de dissidências e para uma luta silenciosa que se desenrola no âmbito de uma escrita de contenção e resistência. A perseguição a escritores, no entanto, não inviabiliza o fluxo de uma geração que se impõe acima de qualquer percalço. Nesse sentido, a obra de escritores como Graciliano Ramos e Jorge Amado se impõe ao ultrapassar a censura e a repressão como literatura que atinge seu ápice. Desse modo, recorremos à observação de Antonio Candido: “O romance social e narrativo do decênio de 30 segue a tradição naturalista de concorrência ao conhecimento científico”.<sup>14</sup> Assim, a segunda fase modernista paga o preço de seu comprometimento político, o que corresponde a uma situação inevitável, uma vez que as dificuldades enfrentadas não têm como ser evidenciadas por outro meio.

A crítica que recai sobre essa geração diz respeito ao realismo social que acabaria por afastá-la da subjetividade da escrita como termo essencial. Há que se refletir acerca de uma estética vista por outro viés, uma vez que o pensamento crítico sofre uma alteração na fase seguinte do movimento. Por esse meio, os desdobramentos da Semana de Arte Moderna chegam ao clímax e uma mudança social se impõe, tendo a criação literária como aliada. “Assim como a revolução política progredia, em espírito, recriando a alma do país, que anima as cidades e os campos, a revolução literária prolongava-se num silencioso, mas seguro, *processus* de evolução”.<sup>15</sup> O totalitarismo que passa a vigor

com o Estado Novo não possui condições de impedir a expansão natural que se impõe à dinâmica de uma produção literária sem precedentes.

A dimensão crítica sob condições adversas não tem como arrefecer seu ímpeto criador, por mais que se imponham as forças repressivas em posição contrária. Nesse sentido, as trincheiras de resistência à repressão também se configuram na resposta por vezes silenciosa às formas deliberadas do arbítrio institucional. Desse modo, há que se pensar acerca do Modernismo como movimento que se adequa às mudanças impostas, uma vez que ao projeto estético original efetiva-se a ação do arbítrio que advém do regime. “Sob esse ângulo de visão, a incorporação crítica e problematizada da realidade social brasileira representa um enriquecimento adicional e completa — pela ampliação dos horizontes de nossa literatura — a revolução na linguagem”.<sup>16</sup> Os efeitos da repressão e da violência dentro e fora do país são responsáveis pela tomada de consciência de vários escritores, uma vez que tem efeito uma convicção que coloca o discurso literário como porta-voz das inquietações que não se podem silenciar.

Diante disso, a criação literária sobrevive, uma vez que se faz preciso se impor a um tempo em que as coisas precisam acontecer à revelia das dificuldades. Por essa via, a narrativa e a poesia tendem a configurar um recorte

14. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 134.

15. FUSCO. *Política e letras*, p. 75.

16. LAFETÁ. *1930*, p. 27-28.

que faria escola. A esse transe se sobrepõe a qualidade de uma escrita que cumpre o papel de dar continuidade a um projeto de ruptura que passa do plano estético para o plano social, configurando-se em atitude. “A prosa de ficção encaminhada para o realismo bruto beneficiou-se amplamente da ‘descida’ à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos, que a prosa modernista tinha preparado”.<sup>17</sup> Essa tomada de consciência acrescenta a seu escopo de resolução um olhar sobre a população à margem do processo produtivo em uma sociedade que possui a pretensão de colaborar no esforço pela superação da crise mundial, absorvendo parte significativa dessa conta.

As consequências do embate entre forças desiguais determinam um conflito que se encerra com o Estado Novo. A redemocratização ensejaria o inventário desses tempos difíceis, através de *Os subterrâneos da liberdade*, de Jorge Amado, e *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos. “A obra romanesca de Graciliano Ramos abarca o inteiro processo de formação da sociedade brasileira contemporânea, em suas íntimas e essenciais determinações”.<sup>18</sup> A censura que condena livros à incineração atende ao apelo de um sistema que, ao chegar ao fim, tem como resposta as obras que o acusam como sinal desses tempos sombrios. No âmbito da criação poética, o malogro da Geração de 45 corresponde ao espírito conservador de uma poesia que pretende

corrigir os supostos defeitos do Modernismo, concorrendo como um retrocesso, no que diz respeito à estética vigente.

## REFERÊNCIAS

AMORA, Antonio. **História da Literatura Brasileira**: séculos XVI-XX. São Paulo: Saraiva, 1960.

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da Literatura Brasileira**. São Paulo: Martins, 1974.

ANDRADE, Oswald de. **Os dentes do dragão**. São Paulo: Globo, 1990.

BATISTA, Marta Rossetti. **Escritos sobre arte e Modernismo brasileiro**. São Paulo: Prata Design, 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Edusp, 2006.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

17. BOSI. *História concisa da Literatura Brasileira*, p. 431-432.

18. COUTINHO. *Cultura e sociedade no Brasil*, p. 159.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira**: origens e unidade. (1500-1960). Vol. 2. São Paulo: Edusp, 1999.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre ideias e formas. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

DACANAL, José Hildebrando. **O romance de 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

FABRIS, Annateresa. **O Futurismo paulista**. São Paulo: Edusp/Perspectiva, 1994.

FUSCO, Rosário. **Política e letras**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1940.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1987.

LAFETÁ, Joao Luiz. **1930**: a crítica e o Modernismo. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2000.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil**: 1920-1945. São Paulo: Difel, 1979.

SAMUEL, Rogel. **Literatura básica**. Petrópolis: Vozes, 1985.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

*Recebido em: 05-04-2019.*

*Aceito em: 23-05-2019.*